

## DESLOCAMENTO DE SINTAGMA NOMINAL DEFINIDO COM FUNÇÃO DE FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

### *NOMINAL DEFINITE PHRASE DISLOCATION WITH FOCUS FUNCTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

*Fernanda Rosa da Silva<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este artigo investiga as características semântico-pragmáticas de sentenças do português brasileiro, PB, que apresentam deslocamento de sintagmas com função de foco. A pesquisa, entre outras, faz comparações com os seguintes conceitos: contraste x não contraste; exaustividade x não exaustividade. A partir dos dados investigados, concluímos que, em PB, sintagmas de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Também foi constatado que contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento. Ainda, exaustividade é uma implicatura em alguns casos, mas não pode ser cancelada em outros, principalmente naqueles nos quais os elementos do conjunto não são dados explicitamente.

**Palavras-chave:** Deslocamento de foco; contraste; implicatura.; estrutura informacional.

#### ABSTRACT

This paper investigates the semantic-pragmatic characteristics of sentences in Brazilian Portuguese (PB) which presents focus phrases dislocated. This research also intends to compare the following concepts: contrast x non-contrast; exhaustivity x non-exhaustivity. From the analyzed data, we conclude that in PB focus phrases can be dislocated to the left periphery of the sentence. We also conclude that contrast itself is not an obligatory in sentences with dislocated phrases. We also show that exhaustivity is an implicature in some cases, but cannot be canceled in others, mainly in the ones in which the elements of the set are not explicitly given.

**Keywords:** Focus dislocation; contrast; conversational implicature

---

<sup>1</sup> Linguista, professora do Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), mestra e doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar contextos de deslocamento do português brasileiro, cujo sintagma deslocado para a periferia esquerda da sentença tenha a função informacional de foco. Mais precisamente, busca-se responder às seguintes perguntas: (i) é possível haver deslocamento de sintagmas com função de foco para a periferia esquerda da sentença? (ii) a noção de contraste é obrigatória em sentenças com deslocamento de foco?; (iii) exaustividade é uma inferência obrigatória nestes tipos de sentenças? (iv) a posição do sintagma com função de foco influencia na aceitabilidade da sentença?

Nossa proposta metodológica é analisar contextos de perguntas e respostas e observar, de acordo com a intuição do falante, se a resposta é adequada ou não para o contexto. Considere abaixo os seguintes diálogos, que são objetos de investigação da presente pesquisa:

(1) A: Quem o João convidou pra festa?

B: O João convidou a MARIA.<sup>2</sup>

(2) A: Quem o João convidou pra festa?

B: A MARIA, o João convidou.

Assumimos, neste trabalho, que as condições de verdade das sentenças (1)B e (2)B são as mesmas. Desta maneira, defendemos que o deslocamento na sentença em (2)B não altera as suas condições de verdade, e sim as condições de felicidade ou de uso da sentença (Lopez, 2009, Rosa-Silva, 2017). Tanto a sentença sem deslocamento quanto a com deslocamento possuem as seguintes condições de verdade:

(3)  $[[ (1)B / (2)B ]]$  = É verdadeiro sse o João convidou a Maria.

Ainda em relação aos dois diálogos acima, procuraremos identificar, no presente artigo, se as duas respostas, tanto a canônica, em (1), quanto a com deslocamento, em (2), são adequadas para o contexto dado. Se ambas são adequadas, buscaremos responder se há uma preferência por uma ou outra, e se o contexto pode influenciar na opção do falante entre as duas. Também, será investigado se, tanto em uma quanto em outra construção, há a presença de noções semântico-pragmáticas como contraste e exaustividade.

Deslocamento é considerado nesta pesquisa como um fenômeno sintático em que um sintagma é deslocado para a periferia esquerda da sentença. Ele pode ocorrer de duas maneiras: pode haver

<sup>2</sup> Os sintagmas com função de foco serão destacados neste artigo em caixa alta, conforme os exemplos (1) e (2).

uma lacuna no local de origem do sintagma deslocado ou; o local de origem pode ser preenchido com um pronome. É importante destacar que a literatura em geral faz distinção entre estes dois tipos de deslocamento, (PRINCE, 1998; WARD & PRINCE, 1991; PONTES, 1987, entre outros), denominando o primeiro de topicalização e o segundo de deslocamento à esquerda. Neste artigo, optamos por chamar os dois casos genericamente por deslocamento, sendo que o primeiro ocorre sem o preenchimento de pronome e o segundo com preenchimento de pronome.

Destacamos que os fenômenos de deslocamento de sintagmas da estrutura informacional em PB, como foco e tópico, já foram amplamente investigados a partir de diversas perspectivas. Teorias funcionalistas já debruçaram sobre o assunto (PONTES, 1987; ILARI, 1992). Além disso, há diversos trabalhos que investigaram as questões sintáticas em uma perspectiva mais formalista, como a teoria gerativista (KATO, 1989; KATO, 1998; MIOTO, 2003). Ainda, há alguns trabalhos sociolinguísticos que levantaram possíveis contextos de uso para deslocamento de tópico (ORSINI & VASCO, 2007, ORSINI, 2011).

A proposta, entretanto, é trazer mais uma contribuição para os estudos no campo da semântica formal em interface com a pragmática formal. Nosso desafio, portanto, é investigar tal fenômeno dentro desta perspectiva, destacando o papel do foco nestes contextos e utilizando-se de teorias formais como as de Rooth, 1995 e Roberts, 1996 para explicar tal fenômeno.

Nas seções a seguir, serão exploradas as peculiaridades do deslocamento de foco, suas propriedades semânticas e pragmáticas. Para isto, o artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, serão apresentados os conceitos de foco, contraste e exaustividade adotados. Na seção 3 serão analisados os contextos que apresentam sentenças com deslocamento de foco, nas quais não há noção de contraste. Em seguida, na seção 4, serão investigados os contextos nos quais haja sentenças com deslocamento de foco contrastivo. Por fim, na seção 5, serão destacadas as conclusões em relação ao presente estudo.

## **2. Conceitos de Foco**

Assume-se, neste artigo, que um sintagma com função de foco é aquele que apresenta uma marcação prosódica peculiar e pode ser identificado pelo par questão/resposta. O sintagma que representa a informação solicitada pela pergunta trata-se do foco, como exemplificamos a seguir.

(4) A: Quem o João tá namorando?

B: O João tá namorando A MARIA.

- (5) A: Quem tá namorando a Maria?  
B: O JOÃO tá namorando a Maria.

Nos diálogos acima, podemos comparar as diferentes estruturas da informação desencadeadas a partir da pergunta (cf. ROBERTS, 1996).<sup>3</sup> Em (4), o sintagma ‘a Maria’, destacado em caixa alta, tem a função informacional de foco, já que é o elemento que representa a informação requisitada pela pergunta e recebe uma marcação prosódica de acento descendente (cf. PIERREHUMBERT & HIRSCHBERG, 1990 (para o inglês), ILARI, 1992 & CAGLIARI, 1980 (para o português brasileiro)). Por outro lado, em (5), o elemento que representa o foco é ‘o João’.<sup>4</sup>

Para Rooth (1995), a marcação prosódica de foco evoca um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Com isso, o falante tem à disposição um conjunto de asserções e entre elas escolhe uma para a resposta. Desta maneira, cada um dos diálogos acima desencadeará um conjunto de alternativas distinto.

Para calcular as alternativas de foco, o autor define o valor de foco. Segundo Rooth, as sentenças apresentam seu valor ordinário e valor de foco. Considerando o contexto (4), acima, o valor de foco da sentença (4)B é o conjunto de alternativas contextualmente relevantes para a resposta de (4)A. Veja a representação do valor ordinário e de foco de (4)B abaixo, considerando que os indivíduos disponíveis no discurso sejam: Maria, Ana, Marta, João, Pedro, Marcos. Em seguida, apresentamos os valores ordinário e de foco para (5)B, a fim de comparação com o anterior.

- (6)  $[[[(4)B]]^0 = \text{namorar}(m,j)$   
(7)  $[[[(4)B]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$

---

3 Estrutura informacional é para Roberts (1996) um universal do discurso humano, não dependente exclusivamente de uma estrutura sintática específica. É a relação que se estabelece entre elementos do discurso como tópico e foco, a partir da prosódia, morfologia, sintaxe, ou combinação dessas, de acordo com cada língua, já que apresentam padrões distintos de organização e marcação dos elementos. Roberts assume, com Carlson (1983) que todo discurso é organizado em relação a perguntas e respostas, sejam elas implícitas ou explícitas. Segundo Roberts, o objetivo maior em um discurso é responder as questões que o estruturam. Os participantes da conversa primeiramente aceitam a questão mais imediata que está em discussão, a qual Roberts chama de questão sob discussão (QUD) e tendem a buscar uma resposta para ela. Para responder a QUD, o falante faz uso de estratégias. As estratégias variam entre responder parcialmente ou completamente uma pergunta. Ainda, o falante pode optar por dar uma resposta explícita ou direta, ou responder implicitamente.

4 A marcação prosódica do deslocamento de foco diferente da marcação prosódica do deslocamento de tópico. Enquanto o tópico apresenta curvatura ascendente, o foco apresenta curva entoacional descendente.

$$(8) \quad [[(5)B]]^0 = \text{namorar}(m,j)$$

$$(9) \quad [[(5)B]]^f = \{ \text{O João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria} \}$$

Como podemos observar acima, os valores ordinários, tanto de (4)B quanto de (5)B, são idênticos e possuem a mesma forma lógica, representada em (6) e (7). Conforme mencionado anteriormente, a estrutura informacional das sentenças, assim como a ordem dos constituintes não alteram as suas condições de verdade. Entretanto, os valores de foco das sentenças comparadas são distintos. Como os conjuntos de proposições são evocados a partir da marcação de foco, as alternativas são diferentes para cada contexto. Para o diálogo em (4), o conjunto de alternativas, representado por (7), apresenta proposições com o mesmo sujeito e objetos diferentes. Por outro lado, o conjunto de alternativas evocado por (5) e representado em (9) possui proposições com o mesmo objeto e sujeitos diferentes. Tal comparação demonstra que sentenças com valores semânticos ordinários idênticos podem apresentar valores de foco distintos. Esta distinção se dará a partir da pergunta dada explícita ou implicitamente pelo contexto e, conseqüentemente, pela marcação prosódica atribuída à sentença.

As respostas, tanto para (4) quanto para (5), são adequadas para as perguntas dadas. Essa relação de adequação entre a pergunta colocada no contexto e a resposta é definida na literatura por congruência (cf. ROOTH, 1995; ROBERTS, 1996; BÜRING, 1999, 2003). Tal congruência está relacionada à semântica da pergunta dada. Uma resposta é congruente a uma questão se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao valor ordinário da pergunta.

Para formalização das questões, tomamos como base os conceitos *Q-alternative set*, de Hamblin (1973). Para o autor, o valor ordinário de uma pergunta denota um conjunto de proposições relativas a possíveis respostas para tal pergunta. Os valores ordinários das perguntas dadas acima são representados como segue, considerando que os mesmos indivíduos sejam disponíveis no discurso.

$$(10) \quad [[\text{Quem o João tá namorando?}]]^0 = \{ \text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta} \}$$

$$(11) \quad [[\text{Quem tá namorando a Maria?}]]^0 = \{ \text{O João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria} \}$$

As perguntas acima têm sua denotação semântica formada por um conjunto de alternativas contextualmente relevantes. Podemos observar que o conjunto de alternativas representado em (10) corresponde ao conjunto de alternativas de foco dado em (7), assim como o conjunto de alternativas

de (11) corresponde a (9). Essa equivalência está relacionada à noção de congruência. Uma resposta é congruente em um contexto apenas se o conjunto de alternativas de foco da resposta equivale ao conjunto de alternativas da pergunta.

(12)  $[[\text{Quem o João tá namorando?}]]^0 \equiv [[(4)\text{B}]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O João tá namorando a Ana, O João tá namorando a Marta}\}$

(13)  $[[\text{Quem tá namorando a Maria?}]]^0 \equiv [[(5)\text{B}]]^f = \{\text{O João tá namorando a Maria, O Pedro tá namorando a Maria, O Marcos tá namorando a Maria}\}$

A proposta semântica de foco dada por Rooth (1995), assim como a semântica de alternativas de Hamblin (1973), serão adotadas neste artigo e servirão como ponto de partida para a análise dos fenômenos de deslocamento, objeto principal deste estudo.

## 2.1 Contraste

A noção de contraste é essencial para a presente pesquisa. Isto porque uma das perguntas a ser respondida é se contraste é obrigatório em sentenças com deslocamento de foco no PB. Desta maneira, dada a importância que tal conceito apresenta na análise do fenômeno aqui investigado, esta seção busca apresentar algumas das discussões presentes na literatura para tal conceito.

Buscando identificar as diversas relações semânticas que as sentenças com contraste apresentam, Repp (2014) destaca que há três tipos de relações entre elementos de duas sentenças que os tornam contrastivos. São elas: relação com alternativas explícitas, em que são atribuídas propriedades a cada um dos elementos destacados; relação com conjunto de alternativas explícitas, na qual os elementos são declarados e a apenas um é atribuída a propriedade declarada; relação com conjunto de alternativas implícitas, em que um conjunto é inserido no contexto, porém os elementos que o compõem não são declarados explicitamente no discurso. Observe, a seguir, mais detalhadamente cada uma dessas relações, com exemplos similares aos dados pela autora.

O primeiro tipo de relação semântica ocorre em contextos no qual haja uma alternativa explícita a ser contrastada. A noção de contraste, a partir de seleção de alternativas, é definida pela autora com base na noção de semântica de alternativas dada por Rooth (1995). Observe, a seguir, o exemplo dado, adaptado de Repp para o português brasileiro.

(14) O João colocou UMA MAÇÃ na tigela nova e ele colocou UMA BANANA em outra tigela.

No contexto acima, há dois elementos disponíveis que foram explicitados: ‘uma maçã’ e ‘uma banana’. Ao elemento ‘uma maçã’ é atribuída a propriedade ‘O João colocou x na tigela nova’, enquanto ao elemento ‘uma banana’ é atribuída a propriedade ‘O João colocou x em uma outra tigela’. Essa relação é de alternativas explícitas, pois para cada um dos dois elementos inseridos no contexto foram atribuídas propriedades distintas. A outra relação de contraste dada por Repp (2014) é aquela na qual nem todas as alternativas são declaradas explicitamente, como mostra o exemplo a seguir, adaptado da autora.

(15) O João comprou uma banana e uma maçã. Ele colocou A BANANA na sua tigela nova.

A relação de contraste acima envolve um conjunto explícito. Tal conjunto é formado pelos elementos: ‘uma banana’ e ‘uma maçã’. Ao afirmar que o João colocou a banana na tigela nova, o falante declara que a propriedade de ‘o João colocar x na tigela nova’ é aplicada à ‘banana’, mas deixa em aberto que essa mesma propriedade seja aplicada à maçã. Entretanto, fica implícito que tal propriedade não é atribuída ao elemento ‘maçã’.

Por último, apresentamos um exemplo dado pela autora para a relação semântica que ocorre a partir de um conjunto disponível no contexto, cujos elementos não são dados explicitamente no discurso.

(16) O João estava escolhendo as frutas para colocar em sua tigela nova. Ele colocou A BANANA na tigela nova.

No contexto acima, o constituinte ‘as frutas’ representa um conjunto de elementos. Ao trazer informações sobre ‘a banana’, o falante contrasta este elemento com as demais frutas que compõem o conjunto inserido no discurso. O contraste se dá implicitamente, visto que nem os elementos do conjunto nem as alternativas são apresentados no contexto. Dessa maneira, supõe-se que a propriedade ‘O João colocou x na tigela nova’ seja aplicada somente à ‘banana’ e a mais nenhum dos demais elementos do conjunto.

Repp (2014), ainda, no que diz respeito à relação da noção de contraste com o discurso, apresenta dois tipos de contraste: o de oposição e o de correção. No contraste por oposição, duas asserções podem ser verdadeiras e fazem contribuições opostas à questão em discussão. No contraste por correção, por outro lado, uma proposição rejeita a outra, sendo que se uma for verdadeira, a outra necessariamente é falsa. Abaixo, apresentamos um exemplo de contraste por oposição, em (17), e um exemplo de contraste por correção em (18).

(17) O João foi pra festa. O Pedro não foi.

(18) A: O João foi pra festa.

B: Não, o Pedro foi pra festa.

Na sentença em (17), as duas proposições são verdadeiras, sendo que a propriedade de ‘x ir pra festa’ é aplicada apenas ao João. Já no contexto em (18), a proposição ‘O João foi pra festa’ é falsa, enquanto ‘O Pedro foi pra festa’ é verdadeira. Abaixo, apresentamos alguns contextos que consideramos haver contraste implícito.

(19) A: A Maria e a Ana chegaram?

B: A Ana chegou.

Ao responder afirmativamente sobre a Ana, o falante deixa implícito que a Maria não tenha chegado. Com isso, a informação a respeito de Ana é contrastada com a informação de Maria. Apesar dos dois elementos serem apresentados pela pergunta e a interpretação mais óbvia seja de que Maria não tenha chegado. Outro contexto que apresenta contraste implícito é aquele no qual há um conjunto de elementos disponível no contexto, entretanto seus membros não são explicitados.

(20) A: Qual dos alunos chegou?

B: O PAULO chegou.

No contexto acima, a pergunta insere no discurso o conjunto de alunos cujos membros não são descritos. Ao responder com a proposição sobre o Paulo, há uma pressuposição de que os demais alunos não tenham chegado ou ainda de que o falante não tenha informações sobre os demais alunos, o que caracteriza uma relação de contraste desse elemento com os demais.<sup>5</sup>

Na resposta acima, em, o sintagma o Paulo recebe o acento característico de foco, representado pelas letras maiúsculas, que segundo autores como Pierrehumbert & Hirschberg, 1990, para o inglês (e assumimos que o português brasileiro tenha acento similar, cf. ILARI, 1992 e CAGLIARI, 1980), é caracterizado pelo pico de acento descendente.

<sup>5</sup> A resposta em (20) gera uma implicatura de que apenas o Paulo chegou. Não é uma pressuposição, pois essa pode ser cancelada pelo contexto.

(i) A: Qual dos alunos chegou?

Nesta pesquisa assumimos com Repp (2014) que contraste está relacionado com a semântica de alternativas, de Rooth (1995). Ainda, consideramos que o contraste só ocorrerá se houver uma relação de oposição ou correção entre os elementos disponíveis no discurso. Um elemento contrastivo evoca um conjunto de proposições alternativas no qual uma das proposições é afirmada e pelo menos uma é negada no discurso.

## 2.2 Foco não contrastivo

O elemento de foco que apenas indica informação nova é denominado na literatura de foco não-contrastivo ou informacional (Zubizarreta, 1998; Kiss, 1998, entre outros). Segundo Menuzzi, 2012, foco informacional ou não contrastivo apresenta a asserção de uma proposição do conjunto de proposições alternativas dadas pelo contexto. Consideramos, neste artigo, que foco não contrastivo além de assertar pelo menos uma das alternativas do valor de foco (cf. Rooth, 1995), não apresenta relação de contraste nem de oposição nem de correção (cf. Repp, 2014). Observemos, a seguir, o diálogo abaixo:

(21) A: Quem chegou?

B: A MARIA chegou.

(22)  $[[[(21)B]]]^f = \{A \text{ Maria chegou, A Ana chegou, A Marta chegou}\}$

O contexto dado em (21) não apresenta uma alternativa que se oponha à sentença em B, como por exemplo: 'A Ana não chegou'. Também não é um contexto de correção. Desta maneira, consideramos que sentenças como a acima não apresentam contraste e o sintagma marcado tem a função informacional de foco não contrastivo.

Neste artigo, além de assumirmos que para ser foco não contrastivo não deve haver negação de alguma das alternativas (cf. MENUZZI, 2012), também consideramos que se o contexto em que foi inserida a alternativa não apresentar nem relação de oposição nem de correção (cf. REPP, 2014), o elemento marcado como foco possui a função discursiva de foco não contrastivo.

Desta maneira, por não veicular necessariamente negação no contexto em (21), esta pesquisa considera que o tipo de foco presente nestes contextos é foco informacional ou não contrastivo. A próxima seção é dedicada para investigar contextos de foco contrastivo.

## 2.3 Foco contrastivo

Como já citado anteriormente, serão denominados de foco contrastivo apenas aqueles elementos que apresentarem negação de pelo menos uma das alternativas e ainda indicarem uma relação de oposição ou correção entre as alternativas disponíveis.

(23) A: A Maria chegou.

B: A ANA<sub>FC</sub> chegou. (Não a Maria).<sup>6</sup>

(24) [[(23)B]]<sup>f</sup> = {A Maria chegou, A Ana chegou, A Marta chegou}

Em (23), o falante A afirma que propriedade ‘chegar’ é aplicada à ‘Maria’. O falante B, por sua vez, faz uma correção explícita, afirmando que a propriedade ‘x chegar’ é aplicada à ‘Ana’ e não ‘à Maria’. Com isso, afirma a alternativa em relação a Ana e nega a alternativa em relação à Maria, dada pelo valor de foco em (24). O contexto acima apresenta um contraste por correção.

Outro contexto de foco contrastivo é aquele no qual o conjunto de alternativas é delimitado no discurso. Desta maneira, ao escolher uma das alternativas, o falante nega implicitamente as demais alternativas.

(25) A: A Maria e a Ana chegaram?

B: A ANA<sub>FC</sub> chegou.

(26) [[(25)B]]<sup>f</sup> = {A Maria chegou, A Ana chegou}

Em (25)B, ao afirmar sobre a Ana, fica implícito que o falante nega que a Maria tenha chegado, ou pelo menos não tenha informações acerca da Maria. Então, ao afirmar que a propriedade ‘x chegar’ seja aplicada à Ana, o falante deixa implícito que tal propriedade não seja aplicada à ‘Maria’, o que indica um contexto de contraste por oposição.

Ainda, outro exemplo de foco contrastivo é quando o falante nega explicitamente uma das alternativas dadas pelo contexto, conforme apresenta o diálogo a seguir:

(27) A: A Maria e a Ana chegaram?

B: A ANA<sub>FC</sub> chegou. A Maria não chegou ainda.

---

<sup>6</sup> Para diferenciar marcação de foco contrastivo de foco não contrastivo, adotamos no presente artigo a notação FC (foco contrastivo) subscrito.

No diálogo em (27), o falante B, não apenas responde que a Ana chegou, mas também justifica que a Maria não chegou. Nesse caso, além de afirmar explicitamente uma alternativa, o falante nega explicitamente outra, o que caracteriza mais um contexto de contraste explícito, em uma relação de oposição entre as alternativas.

Para a presente pesquisa, será denominado foco contrastivo aquele que envolver a negação de pelo menos uma das alternativas disponíveis no contexto (cf. MENUZZI, 2012) e ainda apresentar uma relação de oposição ou de correção (cf. REPP, 2014).

## 2.4 Foco e exaustividade

Uma noção que está relacionada a foco, como vimos anteriormente, é exaustividade. Menuzzi (2012) apresenta uma discussão em relação a essa noção e declara que em contextos com sentenças clivadas a noção de exaustividade é obrigatória. Exaustividade, para Menuzzi, é quando todas as alternativas são negadas, com exceção à alternativa assertada. Clivadas são exemplos clássicos de exaustividade.

(28) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: Foi O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística.

(29) [[(28)B]]<sup>f</sup> = {O João comprou o livro de linguística, O Paulo comprou o livro de linguística, O Pedro comprou o livro de linguística}

O contexto acima é exaustivo, visto que ao afirmar que ‘Foi o João que comprou o livro de linguística’, o falante nega todas as demais alternativas, indicando que a propriedade de ‘x comprar o livro de linguística’ é exclusiva para o indivíduo ‘O João’. Menuzzi (2012) sugere que a exaustividade pode ser uma pressuposição, já que essa, segundo o autor não pode ser cancelada no discurso. Observemos, a seguir, um contexto no qual mais uma alternativa, além da alternativa sobre “o João”, seja assertada.

(30) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: ?Foi O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística. E o Pedro também.

Apesar da resposta acima não ser a mais natural, ela não parece ser totalmente inaceitável, o que indica que talvez a exaustividade em clivadas não seja necessariamente uma pressuposição. Teixeira & Menuzzi (2015) argumentam que exaustividade em clivadas envolvem vários tipos de inferências que não somente pressuposição ou implicatura, e essas vão ser determinadas a partir do contexto dado. Observemos em um contexto com o ‘só’, se este apresenta acarretamento, pressuposição ou implicatura.

(31) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: #Só O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística. E o Pedro também.

A sentença acima acarreta que a propriedade de comprar o livro de linguística é aplicada apenas ao ‘João’. A exaustividade é um acarretamento e não uma pressuposição, porque essa noção não se mantém na negação, como podemos observar a seguir.

(32) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: Não foi só O JOÃO<sub>FC</sub> que comprou o livro de linguística. O Pedro também comprou.

No contexto acima, a inferência de exaustividade não se mantém com a negação da alternativa, o que indica que não se trata de uma pressuposição. Como essa noção não pode ser cancelada no contexto, ela é um acarretamento.

Exaustividade, segundo Menuzzi, está presente também em sentenças que apresentam sintagmas com função discursiva de foco contrastivo. Observe o contexto abaixo.

(33) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: O JOÃO<sub>FC</sub> comprou o livro de linguística.

Ao responder que ‘o João comprou o livro de linguística’, fica implícito que a propriedade de ‘x comprar o livro de linguística’ é exclusiva do ‘João’, já que fica subentendido que ninguém, além do João comprou tal livro. Entretanto, é possível haver um contexto no qual a exaustividade possa ser cancelada.

(34) A: Qual aluno comprou o livro de linguística?

B: O JOÃO<sub>FC</sub> comprou o livro de linguística. E a Maria também.

No contexto acima, em (34), a exaustividade foi cancelada, a partir do momento em que o falante responde afirmativamente a duas alternativas disponíveis, a alternativa sobre ‘o João’ e a alternativa sobre ‘a Maria’.

Neste artigo, propomos que sentenças com deslocamento de foco apresentam implicatura de exaustividade em um nível mais intenso e menos passível de cancelamento do que sentenças canônicas, como veremos mais adiante.<sup>7</sup> A partir das seções seguintes investigaremos se tanto contraste quanto exaustividade são obrigatórios em sentenças com deslocamento de foco.

---

<sup>7</sup> Foi realizada uma pesquisa empírica, com experimentos psicolinguísticos, e os resultados desta foram publicados no artigo “Cancelamento de exaustividade em sentenças focalizadas: um estudo experimental”, da Revista Letras v. 99 (2019): Número Temático - XII Workshop on Formal Linguistics.

Para tanto, consideramos que há dois tipos de foco: foco não contrastivo e contrastivo, ambos apresentam um valor de foco que veicula um conjunto de alternativas. A diferença é que, enquanto foco contrastivo apresenta a negação implícita ou explícita de pelo menos uma alternativa e uma relação de oposição ou correção entre as alternativas, foco não-contrastivo apenas disponibiliza as alternativas no contexto, das quais o falante escolhe uma, sem estabelecer essas relações de contraste.

### 3. Deslocamento de foco não constrativo

Nesta seção, analisaremos as características semânticas e pragmáticas de contextos que apresentem uma sentença com deslocamento, cujo sintagma definido deslocado tenha a função de foco não contrastivo. Mais precisamente, observaremos se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Ressaltamos, entretanto, que a estrutura de foco não contrastivo deslocado não é a mais comum em PB, conforme os dados apresentados em trabalhos anteriores como Pontes (1987) e Ilari (1992). Na maioria dos casos, o deslocamento de foco apresenta contraste, que será investigado na próxima seção. No entanto, mesmo que poucos, há casos de deslocamento de foco não contrastivo ou informacional e esses serão investigados nesta seção. Iniciaremos com contextos que apresentem deslocamento de foco na posição inicial de sujeito. Observe os diálogos abaixo, o primeiro sem deslocamento e o segundo com deslocamento retomado por pronome.

(35) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO convidou a Maria.

(36) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO<sub>1</sub>, ele<sub>1</sub> convidou a Maria.

Na resposta em (36), o sintagma deslocado tem a função de foco não contrastivo porque o indivíduo ‘o João’ não estabelece nem relação de oposição nem de correção com nenhum outro indivíduo do discurso. Uma diferença entre a sentença canônica e a com deslocamento é que, na sentença com deslocamento, o falante opta por primeiramente inserir um indivíduo no discurso para depois lhe atribuir a propriedade de ‘x convidar a Maria’. Outra diferença entre as duas respostas é que apesar das duas apresentarem implicatura de exaustividade, em que ‘O João e ninguém mais convidou a Maria’, a sentença com deslocamento de foco retomado por pronome parece apresentar uma implicatura de exaustividade menos passível de cancelamento. Compare novamente os dois diálogos:

(37) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO convidou a Maria. E o Paulo também convidou ela.

(38) A: Quem convidou a Maria?

B: ?O JOÃO<sub>1</sub>, ele<sub>1</sub> convidou a Maria. E o Paulo também convidou ela.

Apesar da implicatura de exaustividade poder ser cancelada nos dois casos, a segunda sentença em (38)B parece ser menos natural para continuidade do discurso do que a anterior, que apresenta uma sentença canônica no início. Desta maneira, sentenças com deslocamento apresentam inferência de exaustividade que não chega a ser pressuposição ou acarretamento, já que não podem ser canceladas no contexto, mas essa inferência é menos passível de cancelar do que em sentenças canônicas.<sup>8</sup> Consideramos, então, que em contextos como o acima, há uma implicatura de exaustividade.

Ainda, o valor de foco para (38)B, considerando que no domínio haja os indivíduos: João, Pedro e Paulo, é representado como segue.

(39)  $[[[(38)B]]]^f = \{O \text{ João convidou a Maria, O Pedro convidou a Maria, O Paulo convidou a Maria}\}$

Dado o conjunto de proposições representado pelo valor de foco, o falante responde afirmativamente à proposição ‘O João convidou a Maria’. Além disso, há uma implicatura de que ele negue as demais proposições, ou seja, o João convidou a Maria e ninguém mais. Observemos se a sentença pode apresentar uma estrutura de deslocamento sem retomada de pronome.

(40) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO<sub>1</sub>, [ ]<sub>1</sub> convidou a Maria.<sup>9</sup>

Apesar de ser menos natural do que a resposta com retomada de pronome, a sentença acima também é válida para responder (41)A. A mesma estratégia é utilizada de primeiramente inserir um indivíduo no contexto para posteriormente atribuir a propriedade dada pela pergunta a esse. Neste caso também há implicatura de exaustividade e essa pode ser cancelada pelo contexto. O cancelamento é mais natural do que com retomada de pronome.

8 Por ser uma impressão, essa deve ser analisada a partir de um experimento psicolinguístico que teste o nível de aceitabilidade de (37) em comparação a (38), com deslocamento. Tal pesquisa está em andamento em um projeto de pós-doutorado financiado pela CAPES – PNPd, na Universidade Federal Fluminense.

9 Os dois colchetes [ ] representam uma pausa na pronúncia da sentença acima.

(41) A: Quem convidou a Maria?

B: O JOÃO, []  $t_1$  convidou a Maria. E o Paulo também convidou.

Em seguida, observemos se em um contexto de pergunta geral, é possível haver deslocamento de sintagma na posição de sujeito em que esse tenha a função discursiva de foco não contrastivo.

(42) A: O que aconteceu?

B: O JOÃO<sub>F1</sub>, ele<sub>1</sub> está doente.

Com pergunta geral, como a acima, a sentença com deslocamento de um DP sujeito com função discursiva de foco é possível e, além disso, não apresenta contraste, já que não há relação de contraste por oposição ou correção entre as alternativas desencadeadas pelo foco da sentença. Vejamos se, em um contexto de pergunta geral, também é possível a ocorrência de deslocamento de foco na posição de objeto, sem que haja necessariamente a noção de contraste presente.

(43) A: O que aconteceu?

B: ?A MARIA<sub>F1</sub>, o João convidou pra festa  $t_1$ .

Ao contrário do deslocamento de foco na posição de sujeito, parece não ser adequado o deslocamento de foco na posição de objeto em contextos de perguntas mais gerais, como em (43). Observemos, no entanto, se é possível deslocar o sintagma com função de foco não contrastivo na posição de objeto para a periferia esquerda da sentença em contextos de perguntas mais específicas.

(44) A: Quem o Pedro convidou pra festa?

B: Ele convidou A MARIA pra festa.

(45) A: Quem o Pedro convidou?

B: A MARIA<sub>1</sub> ele convidou  $t_1$  pra festa.

No contexto acima, o falante poderia responder simplesmente com uma resposta canônica, como em (44), mas também tem a opção de responder com o sintagma deslocado, (45). Entretanto, com deslocamento há contraste, porque com o deslocamento há uma indicação de que haja outros indivíduos no discurso, os quais o Pedro não tenha convidado. Ou seja, há uma relação implícita de oposição.

Observe, a seguir, outro diálogo, na qual a resposta apresenta uma sentença com estrutura de deslocamento, a fim de verificarmos se há contextos de deslocamento de objeto com função de foco não contrastivo.

(46) A: O que a Maria comprou na FNAC?

B: ESSE LIVRO<sub>1</sub>, a Maria comprou t<sub>1</sub> na FNAC.

Na sentença acima, o sintagma com função de foco, ao ser deslocado para a periferia esquerda da sentença, indica que o falante responde afirmativamente a uma das alternativas do valor de foco. Entretanto, para o exemplo acima, também fica implícito que ‘esse livro’ esteja sendo contrastado com outros elementos disponíveis no discurso, em uma relação de oposição. O valor de foco para (46) B pode ser representado como segue:

(47) [[(46)B]]<sup>f</sup> = {A Maria comprou esse livro, A Maria comprou aquele livro, A Maria comprou o outro livro}

Com retomada de pronome, a sentença não é aceitável em um contexto de pergunta como no diálogo abaixo, em que resposta apresenta uma estrutura na qual o sintagma ‘esse livro’, que tem a função de foco, é retomado por um pronome.

(48) A: O que você comprou na FNAC?

B: #ESSE LIVRO<sub>1</sub>, eu comprei ele<sub>1</sub> na FNAC.

Outra estrutura a ser investigada é aquela que apresenta PP deslocado. Observe o contexto abaixo, no qual a resposta apresenta o sintagma com função de foco, em sua posição original de PP deslocado para a periferia esquerda da sentença. Primeiramente, observe a resposta com a sentença canônica, para depois compará-la com a deslocada.

(49) A: De quem o João tava falando?

B: Ele tava falando DA MARIA.

(50) A: De quem o João tava falando?

B: DA MARIA<sub>1</sub>, ele tava falando t<sub>1</sub>.

A sentença deslocada envolve contraste, já que fica implícito que o indivíduo ‘A Maria’ esteja sendo contrastada com algum outro indivíduo do discurso e esse contraste se dá a partir de uma relação de oposição. Considerando que no domínio haja os seguintes indivíduos: Ana, Maria e Paula, o valor de foco para(50)B é:

(51) [[(50)B]]<sup>f</sup> = {O João tava falando da Maria, O João tava falando da Ana, O João tava falando da Paula}

Ao responder B, o falante responde afirmativamente a proposição ‘O João tava falando da Maria’ e nega as demais.

Se, ao invés de deslocamento de PP, tivermos uma estrutura, na qual o sintagma deslocado seja um DP, com preposição, a resposta é aceitável, e mais que isso, o sintagma no início da sentença apresenta a função de foco não contrastivo.

(52) A: De quem o João tava falando ontem?

B: A MARIA<sub>1</sub>, ele tava falando dela<sub>1</sub>.

No contexto acima, o sintagma deslocado na resposta em B apresenta a função de foco não contrastivo, que evoca um conjunto de alternativas, afirma uma delas e deixa as demais sem informação. Não apresenta relação de oposição nem de correção entre as alternativas. A função do deslocamento é primeiramente inserir o indivíduo ‘a Maria’ no discurso para depois atribuir a ela a propriedade dada pela pergunta ‘o João tava falando de x’. Se a estrutura em vez de um pronome apresentar uma lacuna, por outro lado, a resposta é bastante estranha, como podemos observar no diálogo que segue:

(53) A: De quem o João tava falando ontem?

B: ?A MARIA<sub>1</sub>, ele tava falando t<sub>1</sub>.

A sentença acima não parece ser a mais natural. Entretanto, mesmo que ela seja considerada gramatical, o deslocamento do sintagma na posição de objeto implica em contraste, já que fica implícito que há uma relação de oposição entre o indivíduo ‘A Maria’ e outros indivíduos disponíveis no discurso.

Esta seção teve como objetivo investigar o deslocamento de sintagmas definidos com função de foco não contrastivo. Pudemos observar que, mesmo sendo poucos casos, é possível haver sentença com deslocamento de foco não contrastivo para a periferia esquerda da sentença, cuja função é introduzir um indivíduo, para depois lhe atribuir uma propriedade. Tal função tem o objetivo de evidenciar o elemento deslocado.

No que diz respeito à posição original do sintagma, pudemos identificar que sintagmas definidos deslocados na posição de sujeito podem ter a função de foco não contrastivo, tanto em sentenças com retomada de pronome quanto sem. Na posição de objeto ou PP deslocado o sintagma deslocado não apresenta função de foco não contrastivo, pois há contraste implícito. Outra estrutura que apresenta foco não contrastivo é aquela em que a estrutura possui um DP deslocado sem a preposição de sua posição original, com retomada de pronome.

#### 4. Deslocamento de foco construtivo em PB

Esta seção é reservada para investigar as sentenças com deslocamento no português brasileiro, nas quais o sintagma deslocado seja definido e tenha a função discursiva de foco contrastivo. Mais precisamente, analisaremos as restrições semânticas e pragmáticas do sintagma deslocado, considerando a posição sintática que ocupa. Observaremos se a posição original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Iniciaremos com um contexto em que o conjunto é delimitado explicitamente. Observe o diálogo abaixo.

(54) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: ?O JOÃO<sub>FC</sub> foi pra festa.

A sentença sem deslocamento somente é natural se o falante não a pronunciar completamente, omitindo o complemento do verbo. Entretanto, se a intenção do falante for primeiramente direcionar a atenção do ouvinte para novo referente, para depois lhe atribuir uma propriedade, a resposta com deslocamento, como a abaixo é a mais adequada.

(55) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: O JOÃO<sub>FC1</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa.

No contexto acima, o falante B direciona a atenção do ouvinte para o indivíduo inserido no contexto, ‘o João’, para depois atribuir propriedade de ‘x ir pra festa’ ao indivíduo. Além disso, tal resposta indica contraste, já que com o deslocamento, o falante reforça que essa propriedade é aplicada ao João, mas não à Maria, indivíduo inserido explicitamente no discurso. A relação de contraste dada neste contexto é de oposição, já que a propriedade “x ir pra festa” é aplicada ao “João” em oposição à “Maria”. Como João e Maria são os indivíduos disponíveis no discurso, o valor de foco para a sentença em (55)B é o abaixo:

(56) [[(55)B]]f = {O João foi pra festa, A Maria foi pra festa}

O valor de foco indica que ao responder (55)B, o falante responde afirmativamente para a proposição ‘o João foi pra festa’ e nega a proposição ‘A Maria foi pra festa’. A resposta dada apresenta uma inferência de exaustividade. Observemos se tal inferência é uma implicatura, que pode ser cancelada no contexto, ou um acarretamento ou pressuposição, que não podem ser cancelados.

(57) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: #O JOÃO<sub>FC1</sub> foi pra festa. A Maria também foi.

(58) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: #O JOÃO<sub>F<sub>CI</sub></sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa. A Maria também foi.

Comparando as duas respostas acima, nenhuma das duas parece natural, nem a sem deslocamento, nem a com deslocamento. Isto porque seria mais cooperativo (cf. GRICE, 1975) o falante responder que os dois amigos foram pra festa em uma proposição, em vez de dar primeiramente a informação de um indivíduo para depois inserir a informação do outro. Entretanto, a resposta com deslocamento é menos natural ainda. O deslocamento do foco reforça a relação de contraste entre um indivíduo e outro, quando tais indivíduos são dados explicitamente no contexto. Se ambos possuem a mesma propriedade, não é natural que se desloque um dos indivíduos para a periferia esquerda da sentença.

Como a propriedade ‘x ir pra festa’ é exclusiva do elemento deslocado, há uma indicação de que exaustividade nesses casos, em que os elementos são dados explicitamente, não são meramente uma implicatura, que pode ser cancelada pelo contexto, e sim um acarretamento.

Observemos, a seguir, se, em um contexto no qual as alternativas são dadas explicitamente, é possível uma estrutura na qual haja deslocamento com lacuna e pausa. Ainda se tal estrutura apresenta a noção de contraste.

(59) A: Qual dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: #O JOÃO<sub>F<sub>CI</sub></sub>, [ ]t<sub>1</sub> foi pra festa.

Com pausa, sem retomada de pronome, o deslocamento de sujeito na resposta acima é inadequado. Nos exemplos acima, o contraste era dado implicitamente. Observemos, a seguir, contextos em que pelo menos uma alternativa seja negada explicitamente no discurso.

(60) A: Quais dos seus amigos foi pra festa, o João ou a Maria?

B: O JOÃO<sub>F<sub>CI</sub></sub>, ele<sub>1</sub> foi. A Maria não foi.

A resposta em (60)B, além de ser adequada, reforça a presença de contraste, que é explicitado pela segunda sentença. Ao deslocar o sintagma na posição de sujeito e retomá-lo por um pronome, o falante direciona a atenção do ouvinte para o novo referente no discurso, ‘o João’, e depois lhe atribui a propriedade ‘x ir pra festa’ a esse indivíduo. Posteriormente, o falante nega explicitamente que tal propriedade seja atribuída à Maria. A relação de contraste estabelecida em uma sentença e outra é a relação de oposição, que apresenta contribuições opostas à questão sob discussão<sup>10</sup>.

10 QUD para Roberts (1996) representa um conjunto de questões ainda não respondidas, mas que estão disponíveis no discurso e são passíveis de resposta. Essas são responsáveis por direcionar o discurso. A questão mais imediata em discussão é aquela que os participantes buscam respondê-la.

Até o presente momento, analisamos sentenças com deslocamento em que o contexto no qual a sentença está inserida apresenta explicitamente os elementos a serem contrastados. Observemos, a seguir, um contexto no qual os elementos a estabelecerem relação de contraste não sejam dados explicitamente no discurso.

(61) A: Qual aluna foi pra festa?

B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FC1</sub> foi pra festa.

(62) A: Qual aluna foi pra festa?

B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FC1</sub>, ela<sub>1</sub> foi pra festa.

Nos exemplos acima, a diferença da resposta com deslocamento para a canônica é que enquanto a com deslocamento indica contraste por oposição, a sentença sem deslocamento não apresenta relação de contraste. O contraste é dado na sentença com deslocamento porque, ao ser deslocado, o referente do sintagma ocupa uma posição de relevância e esse referente é contrastado com os demais elementos do conjunto dado. O falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir o indivíduo ‘a aluna do terceiro ano’, para posteriormente lhe atribuir a propriedade de ‘x ir pra festa’. Há uma relação de contraste por oposição, já que, ao atribuir a propriedade ‘x ir pra festa’ à ‘aluna do terceiro ano’, fica implícito que as proposições relacionadas aos demais indivíduos fazem contribuições opostas à questão em discussão. Ainda, há uma implicatura de exaustividade nas duas sentenças, entretanto, na sentença sem deslocamento ela é mais facilmente cancelada.

(63) A: Qual aluna foi pra festa?

B: A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FC1</sub> foi pra festa. E a do primeiro ano também foi.

(64) A: Qual aluna foi pra festa?

B: ?A ALUNA DO TERCEIRO ANO<sub>FC1</sub>, ela<sub>1</sub> foi pra festa. E a do primeiro ano também foi.

Nos dois diálogos é possível cancelar a implicatura de exaustividade, na qual a propriedade ‘x ir pra festa’ a atribuída exclusivamente ao indivíduo ‘aluna do terceiro ano’. Entretanto, o cancelamento desta implicatura é mais natural no contexto que apresenta a sentença sem deslocamento, em (63)B. Para o contexto com deslocamento, em (63), a continuidade do discurso indicando o cancelamento da implicatura, apesar de ser possível, é menos natural que o anterior, o que indica que a inferência de exaustividade pode apresentar maiores ou menores possibilidades de cancelamento. O valor de foco para (63)B é o seguinte:

(65) [[[(63)B]]]f = {A aluna do terceiro foi pra festa, A aluna do primeiro ano foi pra festa, A aluna do segundo ano foi pra festa}

Ao responder (63)B, o falante responde afirmativamente à alternativa ‘A aluna do terceiro foi pra festa’ e nega pelo menos uma das demais alternativas, em uma relação de contraste por oposição.

Por fim, observemos um contexto no qual a relação de contraste se estabeleça a partir de uma relação de correção, na qual a verdade de uma proposição implica falsidade de outra proposição inserida no contexto.

(66) A: O João foi pra festa.

B: O PAULO<sub>FC</sub> foi pra festa. (Não o João)

(67) A: O João foi pra festa.

B: O PAULO<sub>FC1</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa. (Não o João)

Observando as duas respostas, a primeira sem deslocamento e a última com, podemos afirmar que as duas são adequadas e o sintagma deslocado tem a função discursiva de foco contrastivo, já que o elemento deslocado ‘O Paulo’ estabelece uma relação de contraste por correção com o elemento já inserido no contexto ‘O João’. A marcação de foco no sintagma deslocado evoca um conjunto de alternativas, das quais a alternativa sobre o João é considerada falsa e a alternativa sobre o Paulo verdadeira. A diferença entre a sentença com deslocamento e a sem é que nesta última há uma estratégia por parte do falante de primeiramente inserir um indivíduo para depois atribuir a propriedade ‘x ir pra festa’ a ele.

Ainda, as duas respostas apresentam inferência de exaustividade, porém essa não pode ser cancelada pelo contexto, como podemos observar abaixo, nos diálogos que seguem.

(68) A: O João foi pra festa.

B: #O PAULO<sub>FC</sub> foi pra festa. E o João também foi.

(69) A: O João foi pra festa.

B: #O PAULO<sub>FC1</sub>, ele<sub>1</sub> foi pra festa. E o João também foi.

Nos exemplos acima, tanto na sentença sem deslocamento, quanto na sentença com, a exaustividade não pode ser cancelada, o que demonstra que essa seja um acarretamento ou uma pressuposição.

Até o presente momento analisamos apenas contextos nos quais o sintagma com função de foco contrastivo deslocado ocupa a posição inicial de sujeito. Investiguemos, a seguir, se sintagmas na

posição de objeto podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença e assumirem a função discursiva de foco contrastivo. Observe o diálogo, a seguir.

(70) A: Quem o João convidou pra festa?

B: Ele convidou A MARIA.

(71) A: Quem o João convidou pra festa?

B: A MARIA<sub>FCI</sub> ele convidou t<sub>1</sub>.

Comparando os dois diálogos acima, podemos observar que, enquanto na sentença sem deslocamento, o contraste não é claro, na sentença com deslocamento, fica implícito que o elemento deslocado, 'A Maria' é contrastado com outros elementos do discurso, mas que não são dados explicitamente. Essa relação de contraste é uma relação de oposição entre o elemento 'A Maria', com os demais elementos do conjunto, já que dois indivíduos podem fazer contribuições opostas à pergunta em discussão.

Na sentença com deslocamento, em (70)B, o falante, ao deslocar o sintagma na posição de objeto, utiliza-se da estratégia de primeiramente introduzir um indivíduo no contexto para posteriormente lhe atribuir a propriedade, dada pela pergunta, a de 'o João convidar x'. O valor de foco para tal sentença é o seguinte:

(72) [[(70)B]] f = {O João convidou o Pedro, O João convidou a Maria, O João convidou a Ana}

Tanto na resposta com deslocamento como na resposta sem, há inferência de exaustividade, que pode ser cancelada com a continuidade do discurso. Entretanto, no caso da sentença sem deslocamento, o cancelamento é mais aceitável.

(73) A: Quem o João convidou?

B: Ele convidou A MARIA. E também convidou a Ana e o Pedro.

(74) A: Quem o João convidou?

B: A MARIA<sub>FCI</sub> ele convidou t<sub>1</sub> E também convidou a Ana e o Pedro.

Nas respostas acima, a exaustividade é cancelada, tanto na que apresenta uma sentença canônica, em (73)B, quanto na que apresenta uma sentença com deslocamento, em (74)B. A diferença entre uma e outra é que parece haver um nível graduável de cancelamento da exaustividade, em que, no contexto

que apresenta uma sentença com deslocamento, esse cancelamento seja menos aceitável. A partir do momento em que o falante, além de responder afirmativamente sobre ‘a Maria’, também afirma que ‘a Ana’ possui a propriedade de ‘ter sido convidada pelo João’, ele explicita que tal propriedade não é exclusiva da ‘Maria’.

O contraste também pode ser dado explicitamente, como podemos observar mais adiante, no diálogo que segue.

(75) A: Quem o João convidou?

B: A MARIA<sub>FC1</sub> ele convidou t<sub>1</sub>. O PEDRO<sub>FC2</sub>, não convidou t<sub>1</sub>.

Nesta resposta, o falante nega explicitamente que a propriedade de ‘O João convidar x’ seja aplicada a um dos indivíduos disponíveis no discurso. Se considerarmos que (75)B tenha o mesmo valor de foco apresentado acima, em (70)B, a alternativa de que ‘O João convidou o Pedro’ é explicitamente negada. Na resposta, o falante faz uso da estratégia de primeiramente inserir um indivíduo no contexto, para posteriormente lhe atribuir uma propriedade. Propriedade essa que é negada para o indivíduo que é inserido em seguida; ‘o Pedro’.

Outro contexto de foco contrastivo, no qual pode haver uma sentença com deslocamento, é o de correção. Compare as duas sentenças a seguir.

(76) A: O Pedro convidou o João.

B: Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>.

(77) A: O João convidou o Pedro.

B: A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>.

Comparando os dois diálogos acima, o primeiro em que a asserção de correção não apresenta deslocamento e o segundo em que há deslocamento, podemos observar que, apesar das duas serem aceitas, a sentença com deslocamento parece ser a mais natural. Isso porque, ao se utilizar da estrutura com deslocamento, o falante introduz primeiramente um novo indivíduo no discurso para evidenciar o indivíduo a ser contrastado com ‘Pedro’, o elemento já disponível. Com isso, ele indica que a propriedade ‘o João convidar x’ não é aplicada a ‘Pedro’, mas à ‘Maria’, o indivíduo apresentado pelo falante B. A verdade da sentença proferida por B implica na falsidade da sentença proferida por A.

Tanto nos contextos anteriores, quanto no contexto acima, em (77)B, ocorre contraste. Além disso, há também exaustividade, já que ao afirmar que o João tenha convidado a Maria, o falante

necessariamente nega que o João tenha convidado o Pedro. Desta forma, podemos concluir que deslocamento de foco contrastivo requer exaustividade. Porém diferentemente do contexto de oposição, no contexto de correção, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

(78) A: O João convidou o Pedro.

B: #Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>. E convidou também o Pedro.

(79) A: O João convidou o Pedro.

B: #A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>. E convidou também o Pedro.

Como podemos observar nos diálogos acima, tanto na sentença com deslocamento quanto na sentença sem, o cancelamento da exaustividade em uma relação de contraste por correção não é aceitável. Ainda, se houver um conjunto explícito de opções dado pela pergunta, a resposta com foco contrastivo deslocado também é possível.

(80) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>.

(81) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>.

Conforme apresentado acima, as duas possibilidades de resposta são adequadas, tanto a de ordem canônica (80), quanto a resposta com deslocamento de foco (81). Entretanto, em relação à resposta com deslocamento, além da estratégia de primeiramente introduzir um indivíduo no discurso para posteriormente lhe atribuir uma propriedade, a exaustividade não pode ser cancelada, diferentemente do contexto sem.

(82) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: Ele convidou A MARIA<sub>FC</sub>. E convidou também o Pedro.

(83) A: Quem o João convidou, o Pedro ou a Maria?

B: #A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou t<sub>1</sub>. E convidou também o Pedro.

No contexto acima, em (82)B, a exaustividade não pode ser cancelada, diferentemente de (83) B, que aceita no contexto outros indivíduos com a mesma propriedade do indivíduo focalizado. O que indica que em contextos de deslocamento de foco, se os indivíduos forem explicitamente mencionados, exaustividade não pode ser cancelada. O valor de foco para o enunciado em (83)B é dado como segue.

(84) [[(83)B]]<sup>f</sup> = {O João convidou o Pedro, O João convidou a Maria}

Por último, observemos se em português brasileiro é possível haver deslocamento de foco na posição de objeto com preenchimento de pronome.

(85) A: Quem o Pedro convidou?

B: Ele convidou A MARIA.

(86) A: Quem o Pedro convidou?

B: \*A MARIA<sub>FC1</sub> ele convidou ela<sub>1</sub>.

(87) A: Quem o Pedro convidou o João ou a Maria?

B: \*A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou ela<sub>1</sub>.

(88) A: O Pedro convidou o João.

B: \*A MARIA<sub>FC1</sub>, ele convidou ela<sub>1</sub>. Não o João.

Em todos os casos acima, o deslocamento de foco com preenchimento de pronome é agramatical, diferentemente do deslocamento de foco na posição de sujeito, no qual a única estrutura possível é a de deslocamento com retomada de pronome.

Analisemos, a seguir, os contextos que apresentem sentenças com deslocamento de PP. Primeiramente, observaremos se uma resposta com deslocamento é adequada para uma pergunta sim / não. Compare, a seguir, os dois exemplos. O primeiro com uma resposta sem deslocamento e o segundo com uma resposta com deslocamento de PP.

(89) A: Você gosta desse livro?

B: #Eu gosto DESSE LIVRO.

(90) A: Você gosta desse livro?

B: #DESSA LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

Tanto a resposta com deslocamento, em (89)B, quanto a sem, em (90)B não são naturais. Sentença com deslocamento de PP que apresente uma entonação típica de foco não é adequada para responder a uma pergunta sim / não. Nem mesmo a resposta canônica, dada em (89), é apropriada com entonação de foco. Seria adequada somente se o sintagma ‘desse livro’ fosse omitido. Se, por outro lado, a pergunta for de constituinte, a resposta com deslocamento de PP é possível.

(91) A: De que livro você gosta?

B: Eu gosto DESSE LIVRO.

(92) A: De que livro você gosta?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

As duas respostas são adequadas para o contexto. Entretanto, se o falante quiser enfatizar a relação de contraste entre o elemento deslocado e os demais elementos do discurso, a resposta em (92)B é mais apropriada. Com essa resposta, o falante responde afirmativamente a uma alternativa do valor de foco e negativamente a pelo menos uma das demais alternativas. O valor de foco para tal sentença é o seguinte, considerando os seguintes elementos no domínio: esse livro, aquele livro.

(93) [[(92)B]]<sup>f</sup> = {Eu gosto desse livro, Eu não gosto daquele livro}

A resposta com deslocamento de PP necessariamente apresenta contraste. Nela, o falante afirma a primeira alternativa: ‘eu gosto desse livro’ e nega a outra alternativa: ‘eu gosto daquele livro’, estabelecendo uma relação de contraste por oposição. Além do contraste, há também exaustividade. Entretanto, tal exaustividade, apesar de ser presente nesse contexto é uma implicatura, que pode ser cancelada, como podemos observar no diálogo a seguir:

(94) A: De que livro você gosta?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>. E daquele também.

Apesar de não ser a resposta mais natural, a resposta acima é possível. Nela a implicatura de exaustividade é cancelada, já que o falante afirma que a propriedade de ‘A gostar de x’ é aplicada a pelo menos dois elementos: ‘esse livro’ e ‘aquele livro’.

Se o sintagma deslocado for retomado por um pronome, a resposta não é gramatical, como podemos observar no exemplo que segue:

(95) A: De que livro você gosta?

B: \*DESSSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>.

Outra construção que investigamos na seção anterior, em contextos de foco não contrastivo, é aquela que apresenta um elemento deslocado com omissão da preposição.

(96) A: De que livro você gosta?

B: \*Eu gosto ESSE LIVRO.

(97) A: De que livro você gosta?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

Como podemos observar, a resposta sem deslocamento sem a presença da preposição é agramatical, enquanto o deslocamento sem preposição é aceito e indica contraste. Há uma implicatura de que a propriedade ‘eu gostar de x’ é aplicada ao elemento ‘esse livro’, mas não aos demais elementos disponíveis no contexto, que indica exaustividade.

Da mesma maneira que o exemplo de deslocamento de PP, o deslocamento sem preposição com retomada de pronome é agramatical.

(98) A: De que livro você gosta?

B: \*ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>.

Se o conjunto for delimitado pelo contexto, também é possível haver o deslocamento e o contraste é presente, tanto com deslocamento de PP, quanto com deslocamento do sintagma sem preposição, conforme podemos observar nos exemplos que seguem.

(99) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

(100) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>.

Para os exemplos acima, o valor de foco é delimitado em duas proposições, sendo que uma é afirmada e a outra é negada. O valor de foco para (99)B e (100)B é dado a seguir.

(101) [[(99)B / (100)B]]<sup>f</sup> = {Eu gosto desse livro, Eu gosto daquele livro}

No contexto também há exaustividade, visto que, do conjunto delimitado, a propriedade de ‘eu gostar de x’ é exclusiva para ‘esse livro’. Assim como para deslocamento de sujeito e de objeto, se o conjunto de elementos for delimitado pelo contexto, a exaustividade é mais difícil de ser cancelada.

(102) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: ?DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto t<sub>1</sub>. E daquele eu gosto também.

(103) A: De que livro você gosta, desse ou daquele?

B: #ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto  $t_1$ . E aquele eu gosto também.

Em (102)B, apesar de não ser tão natural, pode-se afirmar que a propriedade de ‘eu gostar de x’ é não exclusiva para ‘esse livro’. Já em (103)B, a continuidade do discurso em que a proposição ‘eu gosto daquele livro’ é afirmada é inadequada, o que nos leva a afirmar que a exaustividade não pode ser cancelada neste último caso.

O contraste, ainda, pode ser dado explicitamente na resposta, tanto com PP, (104)B, quanto com sintagma sem preposição, (105)B. Entretanto, a estrutura com retomada de pronome é inadequada para PP, (106)B, mas aceitável para DP sem preposição, (107)B, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(104) A: De que livro você gosta?

B: DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto  $t_1$ . Daquele não.

(105) A: De que livro você gosta?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto  $t_1$ . Aquele não.

(106) A: De que livro você gosta?

B: \*DESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>. Daquele não.

(107) A: De que livro você gosta?

B: ESSE LIVRO<sub>FC1</sub>, eu gosto dele<sub>1</sub>. Aquele não.

Por fim, observemos PPs deslocados para a periferia esquerda da sentença em contextos que apresentam relação de contraste por correção entre o elemento deslocado e outro indivíduo inserido no contexto.

(108) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: Ele gosta DO LIVRO DE SEMÂNTICA.

(109) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: DO LIVRO DE SEMÂNTICA<sub>FC1</sub>, ele gosta  $t_1$ .

Observando os dois diálogos, podemos afirmar que, apesar das duas asserções serem adequadas, a resposta com deslocamento é a mais natural. Isto porque, ao deslocar o sintagma, o falante destaca

o referente deste sintagma para indicar que esse está em uma relação de contraste por correção com o elemento inserido anteriormente, ‘o livro de sintaxe’. Com isso, afirma que a propriedade ‘O João gosta de x’ é aplicada ao ‘livro de semântica’ e não ao ‘livro de sintaxe’. Ainda, assim como nos outros contextos de correção apresentados até então, a inferência de exaustividade não pode ser cancelada.

(110) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: #Ele gosta DO LIVRO DE SEMÂNTICA. E do de sintaxe também.

(111) A: O João gosta do livro de sintaxe.

B: #DO LIVRO DE SEMÂNTICA<sub>FC1</sub>, ele gosta t<sub>1</sub>. E do de sintaxe também.

A seguir, apresentamos uma tabela resumo com as conclusões desta seção:

## 5. Conclusões

A partir dos dados investigados, concluímos que, em português brasileiro, sintagmas com função informacional de foco podem ser deslocados para a periferia esquerda da sentença. Também identificamos que, apesar de estar presente na maioria dos contextos, contraste não é noção obrigatória em sentenças com deslocamento de foco. Ainda, há contextos nos quais a sentença com deslocamento de foco não apresenta noção semântica de contraste. Mais especificamente, apenas sentenças com deslocamento de foco na posição de sujeito ou DP sem deslocamento da preposição podem apresentar contextos sem contraste. Na sentença com deslocamento de foco objeto, a noção de contraste é sempre presente, e, além disso, os dados investigados mostram que o deslocamento contribui para tal noção.

Ainda, a inferência de exaustividade ocorre em todas as sentenças com deslocamento de foco. Tal inferência também está presente nas sentenças canônicas que apresentam marcação de foco, seja este contrastivo ou não contrastivo. Entretanto, exaustividade é uma implicatura em alguns casos, principalmente naqueles nos quais os elementos do conjunto mais saliente não são dados explicitamente. Nesses casos, observamos que apresentam um menor nível de cancelamento se comparados aqueles de sentenças canônicas. Os contextos nos quais a inferência de exaustividade não pode ser cancelada são os que apresentam explicitamente os membros do conjunto ou quando o elemento deslocado estabelece uma relação de correção com outro elemento disponível no discurso.

Pudemos constatar, também, que a posição sintática original do sintagma deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. DPs sujeito, quando retomados por pronome, são adequados para assumir tanto a função de foco contrastivo quanto a de foco não contrastivo. Entretanto, em uma estrutura na qual há uma lacuna em sua posição original, a sentença é adequada somente quando não

há relação de contraste entre o elemento deslocado e outro disponível no discurso. Com retomada de pronome, o DP objeto com função de foco é sempre agramatical. PP objeto deslocado sempre é vinculado a contraste, quando a estrutura da sentença apresenta uma lacuna no local de origem. PP deslocado, com retomada de pronome sempre é agramatical. Finalmente, sentença com DP sem preposição deslocado é adequada em todos os casos de deslocamento com lacuna: foco contrastivo e não contrastivo. Se a estrutura for com retomada de pronome, a sentença é agramatical se assumir a função de foco contrastivo.

Destacamos que a função discursiva do deslocamento de foco no PB é direcionar a atenção do ouvinte para um novo referente inserido no contexto, para posteriormente atribuir uma propriedade a esse novo referente. Ainda, nos contextos em que o contraste é presente, o deslocamento de foco reforça a relação de contraste entre as alternativas.

## REFERÊNCIAS

- BÜRING, Daniel. 1999. Topic. In: BOSCH, P. & VAN DER SANDT, R. (eds) *Focus – Linguistic, Cognitive, and Computation Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 142-165.
- BÜRING, Daniel. 2003. On D-trees, beans, and B-accent. *Linguistics & Philosophy* 26 (5): 511-545.1
- CAGLIARI, L. Entoação do Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos* 3. Araraquara: UNESP, 1980.
- CARLSON, L. *Dialogue Games: An approach to discourse analysis*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1983.
- GRICE, H. Paul. 1975. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. (eds.) *Syntax and Semantics*, vol. 3. New York: Academic Press, p. 41-58.
- HAMBLIN, Charles. 1973. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10: 41-53 (Reprinted in Partee. B. (ed.) (1976) *Montague Grammar*, Texas: University of Texas Press).
- ILARI, R. *A Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- KATO, M. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (17). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.
- KATO, M. *Tópicos como alçamento de predicados secundários*, *Cadernos de Estudos Linguísticos* (34). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 67-76, 1998.

KISS, Katalin. 1998. Identificational Focus versus Information Focus. *Language*, v. 74 (2): 245-273.

LOPEZ, L. *A derivational syntax for information structure*. In: Oxford Studies in Theoretical Linguistics, 23. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MENUZZI, S Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.

MIOTO, C. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61: 169-189, 2003.

PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG J. 1990. The meaning of intonational contours in

ORSINI, M. & VASCO, S. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. *Diadorim – Revista de estudos linguísticos e literários*. nº 2, 2007.

ORSINI, M.; DE PAULA, M. N. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: um estudo de tendência. *Revista Investigações - Vol. 24, nº 2*, 2011.

PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: Cohen, P.; Morgan, J. & Pollack M. (eds.) *Intentions in Communication*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 271-311, 1990.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987

PRINCE, E. On the Limits of Syntax, with reference to Left-Dislocation and Topicalization. In P. W. Culicover; L. McNally (eds.) *Syntax and Semantics: The Limits of Syntax*. San Diego: Academic Press, 281 – 302, 1998.

REPP, S. Contrast: Dissecting an elusive information-structural notion and its role in grammar, In: FÉRY, Caroline; ISHIHARA, Shinichiro, *OUP Handbook of Information Structure*, 2014.

ROBERTS, C. 1996. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, J. H. & KATHOL, A. (eds.) *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, 91–136.

ROOTH, M. “Focus” In: S. Lappin, Ed. *Handbook of Contemporary Semantic Theory* London: Blackwell, pp. 271-298, 1995.

ROSA-SILVA, F. *Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: Uma análise semântico-pragmática*. Tese (Doutorado) – USP. 2017.

ROSA-SILVA, F. Cancelamento de exaustividade em sentenças focalizadas: um estudo experimental, *Revista Letras* v. 99, Número Temático - XII Workshop on Formal Linguistics (2019).

TEIXEIRA, M. E MENUZZI, S. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. *Alfa*, São Paulo, 59 (1): 59-87, 2015

WARD, G.; PRINCE, E. On the topicalization of indefinite NPs. *Journal of Pragmatics* 16, 8, 167-78, 1991.

ZUBIZARRETA, Maria Luiza. *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge, 1998.